

TAPETE MÁGICO

Quatro histórias de diferentes países



- As histórias deste livro foram publicadas separadamente na coleção **Tapete Mágico**, da Editora Ática.
- O volume *Um herói fanfarrão e sua mãe bem valente* foi considerado Altamente Recomendável para a Criança pela FNLIJ, 1994.

Tapete mágico

© Ana Maria Machado, 2003

Gerente editorial	Claudia Morales
Editora	Anna Angotti
Editoras assistentes	Elza Mendes Thaíse Costa Macêdo
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisoras	Alessandra Miranda de Sá Andrea Caitano

Arte	
Editor	Vinicius Rossignol Felipe
Diagramador	Claudemir Camargo
Editoreção eletrônica	Júlia Tomie Yoshino

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M129t

Machado, Ana Maria, 1941-
Tapete mágico / Ana Maria Machado ; ilustração
de Florence Breton. - 2.ed. - São Paulo : Ática, 2010.
88p. : il. -(Abrindo Caminho)

ISBN 978-85-08-12842-6

1. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Breton,
Florence. II. Título. III. Série.

10-0186. CDD: 028.5
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 12842-6 (aluno)

CL: 736940
CAE: 249975

2018
2ª edição
6ª impressão

Todos os direitos reservados pela Editora Ática
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

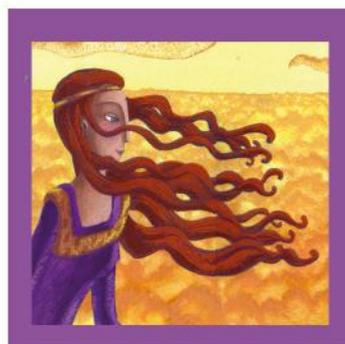
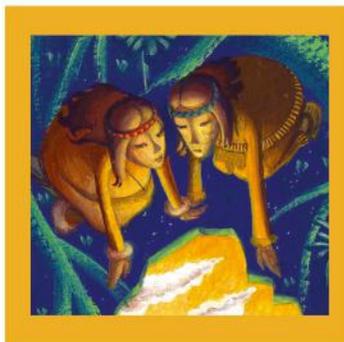
IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



ANA MARIA MACHADO

TAPETE MÁGICO

Quatro histórias de diferentes países



**Ilustrações
florence Breton**

nova edição revista pela autora

SÉRIE
*abrindo
caminho*

ea
editora ática



Sumário

Os dois gêmeos, 7

O touro da língua de ouro, 23

Viajando ao longo de muitos anos pelo mundo afora, em cada país fui fazendo amigos e trazendo lembranças fortes. Fotos, desenhos, anotações, livros. E muitas histórias. Para esta coletânea, resolvi selecionar uma de cada lugar. Uma preferida, tanto por suas qualidades de beleza como por representar bem a cultura desse país em minha lembrança. É uma seleção muito pessoal, que reconto com minhas palavras procurando me manter fiel a seu ponto de partida e a seu estilo original.

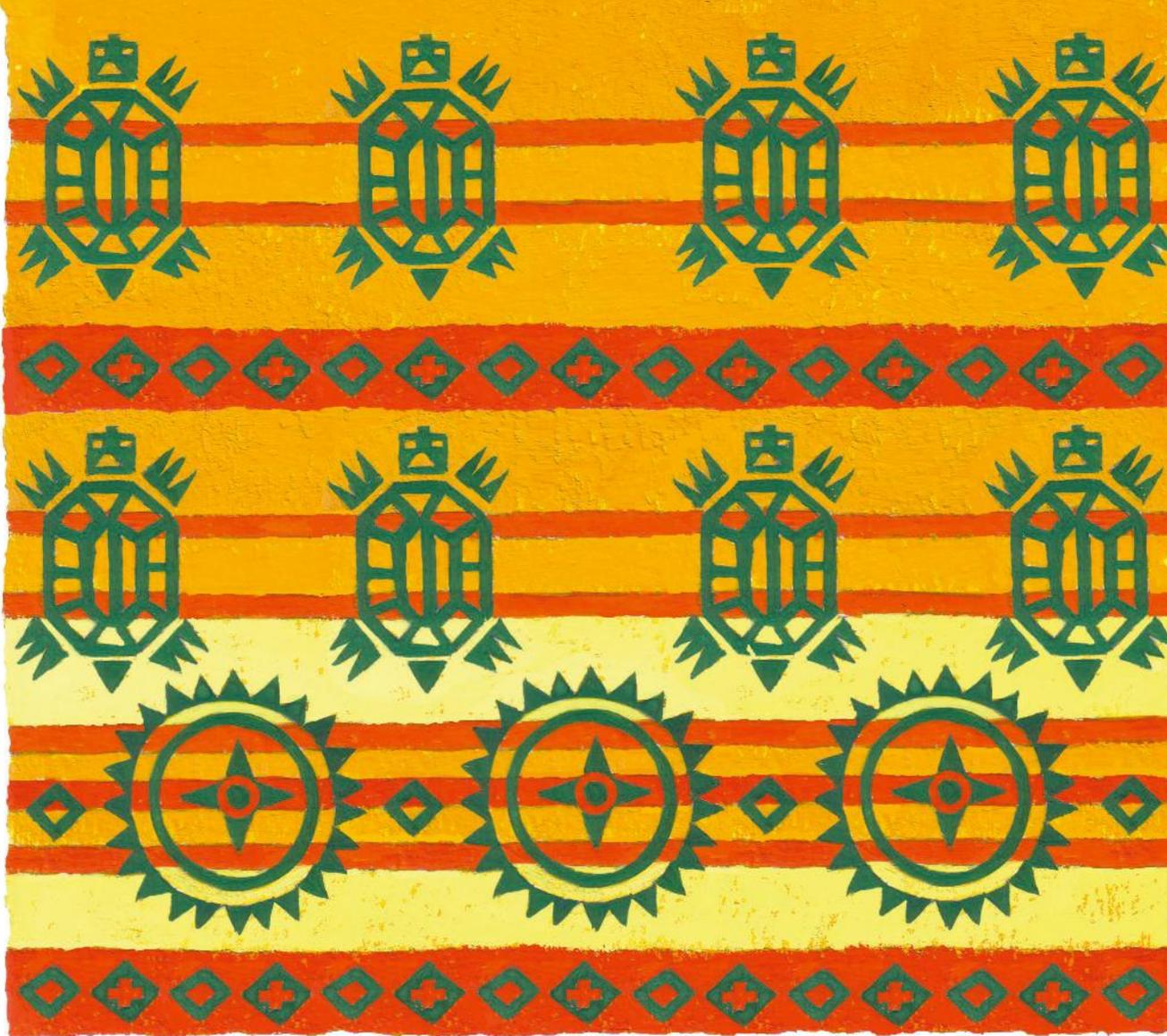
Ana Maria Machado

Um herói fanfarrão e sua mãe bem valente, 39

Finlândia

França

Melusina, dama dos mil prodígios, 59



No intervalo de uma conferência em Ottawa, em plena primavera, com árvores floridas se debruçando sobre o rio que corta o centro da cidade, entrei no Museu de Antropologia. E descobri os iroqueses, com absoluto fascínio. Seus objetos, suas máscaras, suas roupas, seu jogo de caroços de ameixa. E o profundo sentido de sua maneira de estar no mundo, vivendo em casas compridas e coletivas, entre o trabalho na clareira e as caçadas na floresta. Tudo ligado ao modo como explicam seu próprio aparecimento como povo e a origem de todos os homens, um dos mais fascinantes mitos de criação que conheci. Anotei no próprio museu os principais pontos dessa história e, mais tarde, fui procurar versões mais completas em livrarias e bibliotecas. E foi a partir daí que tive a ideia de dividir essa narrativa com os outros e incluí-la nesta coletânea.

Os dois gêmeos



o começo de tudo, o mundo não existia. Não tinha terra, não tinha bichos como os que vivem em volta da gente, e não tinha homens nem mulheres.

Quem conta isso são os iroqueses, um povo indígena norte-americano que vivia no nordeste dos Estados Unidos e sudeste do Canadá quando os colonizadores ingleses chegaram. Todo povo tem suas próprias histórias sobre a criação do mundo. A dos iroqueses é uma das mais bonitas.

Para eles, no começo só existia um grande mar, um oceano imenso que ocupava todo o espaço que dava para se ver. E, acima desse oceano, havia o ar. No mar, viviam os peixes e todos os animais das profundezas. No ar, viviam as aves marinhas, sempre voando ou pousando na água para descansar.

Mas, muito, muito acima disso tudo, ficava o Mundo do Céu. Lá era a Morada dos Deuses. Deuses que pareciam gente.

No Mundo do Céu havia um homem que tinha uma mulher, e ela estava esperando um bebê. Mas, toda hora, ela ficava pedindo coisas diferentes para comer, como muitas vezes acontece com as mulheres que vão ter criança.

— Ah, marido, me traz uma gostosura especial... — pedia ela.

Ele saía, procurava e trazia. Mas ela sempre queria mais. E lá ia ele de novo...

Ora, acontece que bem no meio do Mundo do Céu ficava uma Árvore Imensa. Não era uma árvore igual a nenhuma das que a gente conhece. Era enorme e tinha existido desde sempre. Suas raízes surgiam do chão do Mundo do Céu e seus ramos viviam carregados de folhas, flores e frutos, de muitos tipos diferentes, todos na mesma árvore ao mesmo tempo. Tudo quanto é fruta e flor que você conseguir imaginar. Uma beleza. Mas nenhum dos habitantes do Mundo do Céu podia pegar ou tirar algum pedaço dessa árvore. Era proibido. Tinha que ser respeitada. Era a Árvore Sagrada do centro do universo.



Só que a mulher cismou que queria um pouquinho da casca de uma das raízes da árvore.

— Pra que, mulher? Você não sabe que não pode?

— Não interessa pra quê.

— Você vai comer? Fazer um chá? Um remédio?

— Eu quero.

— Isso não está certo... Ninguém pode tocar na árvore...

Mas ela insistiu tanto que ele acabou indo, mesmo sem gostar da ideia. Cavou um buraco pelo meio das raízes da Árvore Imensa e raspou um pouco da casca. Mas o chão do Mundo do Céu não era muito grosso e acabou furando. O homem levou um susto enorme, ainda mais quando descobriu que lá embaixo havia um espaço vazio tão grande.

— Deixa eu ver, deixa... — pediu a mulher, curiosa.

Ele ficou morrendo de medo, e resolveu que não ia olhar mais, nem pegar mais raízes, nem deixar a mulher espiar. Mas ela tinha outras ideias, era cheia de ideias próprias. Meteu a cara pelo buraco e começou a olhar. Inclinou-se bem para baixo e viu o mar lá longe.

Quando chega nesse pedaço da história, alguns iroqueses contam que ela escorregou e caiu. Outros garantem que o marido já estava farto daquela mulher pedindo coisa toda hora e aproveitou para dar um empurrão nela. Mas o fato é que ela despenhou lá de cima. Ainda tentou segurar como pôde, mas não conseguiu. Só agarrou entre os dedos alguns pedacinhos de mato que cresciam pelo chão do Mundo do Céu e umas beiradinhas de raiz da Árvore Imensa. E veio caindo pelo ar, em direção ao grande oceano lá embaixo. Uma queda enorme, num espaço enorme.

Algumas aves marinhas viram aquela mulher começando a cair e imediatamente se perguntaram:

— Que é que podemos fazer para ajudar?

— Vamos lá perto...